

## RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 330. EVOCAÇÃO PLENA DE SENTIDO HUMANO

Por ter sido muito seu amigo, conhecendo-o bem em todos os múltiplos aspectos de sua personalidade, ninguém melhor que João de Scantimburgo para evocar João Fernando de Almeida Prado, como o fez numa das últimas sessões da Academia Paulista de Letras, a propósito de seu centenário. Lembrou-o não apenas como escritor e especialmente como historiador, mas igualmente como homem de sociedade que marcou a vida paulistana com suas famosas reuniões da "Pensão Humaitá" (do nome da rua em que viveu boa parte de sua vida), que, por muitos anos, constituíram um dos pontos mais altos da vida social e cultural da capital paulista. Recordou, inclusive, as figuras mais expressivas que compareciam a essas tertúlias onde imperavam a distinção, o bom-gosto, a cultura e, por assim dizer, o sentido pleno de um legítimo paulistanismo.

"Yan" de Almeida Prado (como era mais conhecido) deixou, como historiador, uma obra significativa, indispensável para o estudo da formação da nacionalidade brasileira. Seu primeiro livro (na seara da História, pois antes se iniciara na ficção, com dois ou três romances), intitulado **Primeiros povoadores do Brasil** (1935) foi preparado para o

curso que deveria ministrar na antiga Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, mas que, por motivos que ignoro, não chegou a ser ministrado.

Aos **Primeiros povoadores** seguiram-se quatro obras altamente significativas para o conhecimento do Brasil em seu período de formação: **Pernambuco e as capitanias do Norte** (1941), **A Bahia e as capitanias do Centro** (1945), **São Vicente e as capitanias do Sul** (1961) e **A conquista da Paraíba** (1964), todas integrando a preciosa coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional.

Além desse vasto painel dos primeiros tempos do Brasil, devemos a Yan a divulgação da obra pictórica de Tomás Ender, pintor austríaco que esteve em nosso país na época de D. João VI. A Tomás Ender e sua época, dedicou dois valiosos livros: **Tomás Ender, pintor austríaco na Corte de D. João VI** (1955) e **D. João VI e o início da classe dirigente no Brasil** (1968).

Devemos-lhe, ainda, **O Brasil e o colonialismo europeu** (1956). **Bandeiras** e dois volumes sobre o pintor francês Jean Baptiste Debret, cuja obra pictórica - sabem-no todos - é de suma importância para o conhecimento da vida brasileira do início do século passado. O primeiro, intitulado simplesmente **Jean-Baptiste Debret** (1973), teve por objetivo precípua divulgar uma série de estampas inéditas do pintor, enquanto que no segundo (que o autor não chegou a ver publicado), traçou Yan o mais bem elaborado estudo já feito entre nós sobre Debret, particularmente sua influência na vida artística brasileira. Obra indispensável para o conhecimento do meio cultural, sobretudo artístico, da capital do Império, como importante para que se conheça também a vida do grande artista na Europa (coisa pouco sabida) antes de sua vinda para o Brasil.

Toda a sua obra histórica, com exceção apenas de **Bandeiras**, encontra-se publicada na coleção "Brasiliana", da qual Yan se tornou o autor mais freqüente, com dez títulos.

O historiador acabou eclipsando o ficcionista, mas João de Scantimburgo salientou, em sua conferência, esse outro aspecto de sua atividade intelectual, hoje pouco lembrada, inclusive seu relacionamento com a "Semana de Arte Moderna", de 1922.

Dessa maneira feliz comemorou a Academia Paulista de Letras o centenário de um dos seus mais ilustres membros, embora nela

tenha permanecido pouco tempo, pois, ao ser eleito em 1985 já não eram satisfatórias suas condições de saúde. Mas a lembrança dele permanece viva entre os seus confrades. (8-8-1998)

\*

### 331. POR QUE NÃO UM OUTRO "LIVRO DO CENTENÁRIO"?

Em 1900, com o caráter comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil, publicou-se no Rio de Janeiro uma extensa e valiosa obra, em quatro alentados volumes, intitulada simplesmente **Livro do Centenário**. O título tem levado muita gente a pensar, sem atentar para a data, que se trata do centenário da Independência, comemorado em 1922. De fato, a palavra "centenário", desacompanhada de qualquer indicação de ordem numérica, leva sempre a pensar que se trata do primeiro. A mesma coisa ocorreu com valioso livro do historiador Rocha Pombo sobre o Paraná, aliás seu Estado natal, intitulado simplesmente **O Paraná no centenário**. Só folheando-o é que o leitor vai saber a que centenário se refere.

Mas, em que pese este pequeno reparo de ordem bibliográfica, a verdade é que o chamado **Livro do Centenário** tornou-se uma das obras de referência mais importantes da bibliografia histórica brasileira. Promovida e publicada sob os auspícios da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, totaliza a obra quase duas mil páginas, com numeração distinta para cada seção do livro, num total de quatorze, atendendo ao propósito de "dar a conhecer as riquezas naturais do Brasil e o seu progresso em todos os ramos da atividade humana", e ainda "assentar um marco imorredouro na estrada de nossa existência nacional, marco que assinale o esforço heróico do passado e ao mesmo tempo sirva de estímulo às gerações futuras".

Colaboraram no **Livro do Centenário** expressivas figuras da cultura brasileira, a saber: Capistrano de Abreu, Oliveira Lima e Moreira de Azevedo (Descobrimento do Brasil e sua evolução no século XVI),

Padre Júlio Maria (Catolicismo), Silvio Romero (Literatura), José Veríssimo (Ensino e Imprensa), Coelho Neto (Belas Artes), José Eduardo Teixeira de Sousa e Agostinho José de Sousa Lima (Ciências médico-farmacêuticas), José Carlos Rodrigues (Religiões não-católicas), Clovis Bevilacqua e Gregório Taumaturgo de Azevedo (Relações exteriores), Júlio de Barros Raja Gabaglia (Direito), Antônio Olinto dos Santos Pires (Mineração), Paula Freitas (Viação e Obras Públicas) e Moura Brasil (Agricultura).

Algumas das contribuições enumeradas tornaram-se clássicas em nossa bibliografia. Assim, as monografias de Capistrano de Abreu sobre o descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI, a de José Carlos Rodrigues, sobre as religiões não-católicas e a de Silvio Romero sobre Literatura, entre outras. O último volume foi quase todo consagrado ao programa e descrição das festividades comemorativas da efeméride quadricentenária de 1900. Não tendo sido reeditado, tornou-se o **Livro do Centenário** preciosa raridade bibliográfica, de difícil acesso e que poucas bibliotecas possuem.

Retomo a pergunta com que iniciei esta nota. Estamos às vésperas de um outro centenário visando ao mesmo objetivo, isto é comemorar o descobrimento de nosso País. Bem que algumas das muitas entidades existentes nas áreas diversas poderiam promover trabalho semelhante, visando a um "balanço" do que poderia interessar para o melhor conhecimento do Brasil. Instituições não faltam, como não falta gente capaz de tal empreendimento, dentro de uma metodologia e de preocupações modernas e que possam interessar às gerações atuais como o de 1900 representou para o seu tempo. (26-9-1998)

\*

### **332. A PROPÓSITO DO QUARTO CENTENÁRIO BENEDITINO**

O historiador Afonso de Taunay foi sempre muito ligado aos beneditinos desde a infância, conforme relata no prefácio ao livro que

publicou sobre a Ordem de São Bento, na capital paulista. Freqüentou seu mosteiro no Rio de Janeiro e, vindo para São Paulo, uma de suas primeiras atividades foi lecionar no ginásio por eles fundado, no começo do século. Quando, por inspiração do Abade Sentroul, fundou-se a Faculdade de Filosofia e Letras, primeira instituição desse gênero a criar-se no Brasil, Taunay integrou seu corpo docente como professor de História, cabendo-lhe proferir ali uma admirável lição sobre a crítica histórica, das primeiras certamente a serem elaboradas no Brasil e que bem mereceria reedição, pois muito nela teriam a aprender os professores e historiadores de hoje.

Ninguém mais indicado, pois, para escrever a história dos beneditinos em São Paulo e mesmo no Brasil. E neste ano, em que se comemora o quarto centenário da atuação beneditina na capital paulista, creio de justiça recordar a obra de seu primeiro historiador. Foi pena que o livro publicado em 1927 não tivesse tido prosseguimento, pois alcança apenas até o ano de 1772.

Convidado a escrevê-lo pelo abade D. Miguel Kruse, o livro teve o caráter comemorativo do centenário da bula "Inter gravissimas curas", de Leão XII, de 17 de julho de 1827, pela qual se criou a Congregação Brasileira da Ordem de São Bento. Do prefácio, vale destacar este trecho:

"Convidado a realizar este honroso trabalho, vi logo quanto me seria o tempo escasso para abranger os três séculos da vida do mosteiro quinhentista. Tem ele vultuoso arquivo cuja leitura me obrigaria a longos e aturados esforços, tanto mais quanto encerra muita coisa e de muito penosa perscrutação. As incumbências que me pesam por parte do governo do Estado e da Câmara Municipal e de que tanto me ufano, aliás, poucos lazeres me deixam. (Referia-se Taunay às pesquisas que vinha realizando sobre a história da cidade de São Paulo, das quais resultaram mais de dez volumes). E como fosse o prazo curto tive muito de restringir o quadro desta obra". Assim, seus vinte e nove capítulos abrangem só até o ano de 1772.

Infelizmente Taunay não teve condições de retomar o tema beneditino nas suas pesquisas. A história da cidade de São Paulo, a história das bandeiras e, depois, a história do café, absorveram-no o

tempo todo na realização da vastíssima obra que nos legou e que não chegou a terminar, pois a crônica da urbe paulistana não passou de meados do século passado.

O Mosteiro de São Bento está intimamente ligado à história da cidade. Fundado por Frei Mauro Teixeira, vindo da Bahia especialmente com esse objetivo, foi edificado em local onde outrora residira o cacique Tibiriça.

A pequena igreja então existente serviu de asilo a Amador Bueno da Ribeira quando fugiu do povo que o queria aclamar "rei de São Paulo", em abril de 1641. O episódio vem narrado, com todos os promenores pelo historiador beneditino Frei Gaspar da Madre de Deus em suas **Memórias para a história da Capitania de São Vicente**, um dos poucos livros de autor brasileiro publicado na época (1797).

A outro paulista insigne, Fernão Dias Pais, está vinculada a obra beneditina em São Paulo, pois a ele se deve o patrocínio para a construção de um novo templo, em 1650, que serviu até à inauguração do conjunto monumental de hoje, que data de 1922 e que constituiu sempre um "cartão de visita" da capital paulista. (15-8-1998).

\*

### **333. A PROPÓSITO DE SÉRGIO MILLIET NO SEU CENTENÁRIO**

Inegavelmente Sérgio Milliet (1898-1966) foi uma das maiores expressões da cultura brasileira deste século. Não é sem propósito que o transcurso de seu centenário vem sendo assinalado pelas mais variadas manifestações tendentes a recordar a obra vasta e variada que ele nos legou, sobretudo como crítico e ensaísta. Mas também como poeta, que foi por onde começou, e como pintor, que se tornou nos últimos anos.

Após alguns anos vividos na Suíça, radicou-se definitivamente em São Paulo, aliás sua cidade natal, com intensa participação em numerosas atividades que marcaram a vida da capital paulistana de seu tempo. E em várias dessas atividades - no Departamento de Cultura da

Municipalidade e na Biblioteca Municipal (a "Mário de Andrade" de hoje), de que foi diretor, tive o privilégio de alguns contatos com ele e sempre fidalgamente atendido. Mas se meus contatos com ele foram esparsos, posso me gabar de um razoável conhecimento de sua obra.

Não tive oportunidade de comparecer à conferência que sobre ele proferiu minha preclara confreira Ana Maria Martins, na Academia Paulista de Letras. Mas sabendo de seu relacionamento (seu e de seu esposo, o saudoso Luís Martins) com Sérgio Milliet posso avaliar o que ela deve ter representado como subsídio para um conhecimento sincero, não só do escritor, mas principalmente do grande ser humano que ele soube ser.

Do muito que publicou destaca-se sobremaneira a série intitulada **Diário Crítico**, em dez volumes, editados entre 1944 e 1959, obra indispensável para o conhecimento da evolução do modernismo, e notadamente da poesia dessa fase, e que constitui, no dizer de Mário da Silva Brito, "vasto painel que documenta as idéias, os livros e os autores do período que abrange".

A historiografia não foi área de muita freqüência na obra de Sérgio Millet. Mas, deixou um livro, pequeno no tamanho, porém grande na importância, que é **Roteiro do Café**, publicado originalmente em 1938 e reeditado alguns anos depois com o acréscimo de novos escritos, donde justificar-se o novo título que lhe foi dado: **Roteiro do Café e outros ensaios**. Estes "outros ensaios" abordam também temas de interesse para a história de São Paulo.

De **Roteiro do Café** ninguém melhor o diz que o próprio autor: "A passagem do café pelo Estado de São Paulo, com suas repercussões sobre a situação demográfica das zonas percorridas, constitui, sem dúvida, um dos estudos mais curiosos e importantes da história econômica Paulista. Durante mais de um século o panorama do nosso crescimento e do nosso progresso se desdobra num cenário de colinas riscadas por cafezais. Tudo gira em torno do 'ouro verde', dele tudo emana e a ele tudo se destina: homens, animais, máquinas. A terra cansada que ele abandona se despoeva, empobrece, definha; a terra virgem que ele deflora logo se emprenha de vida ativa, enriquece,

progride. O fenômeno é visível a olho nu. Não é necessário ser historiador, economista ou sociólogo para observá-lo. E talvez por isso, por ser-nos tão familiar, não desperte interesse dos nossos estudiosos".

**Roteiro do Café** foi o ponto de partida do meu **Café e Ferrovias** e, de certa maneira, o seu "motivo-condutor": a periodização de Sérgio Milliet foi a que eu adotei para o estudo da correlação café-ferrovias em São Paulo.

Finalmente, um aspecto não menos importante da obra de Sérgio Milliet: sua extraordinária capacidade como tradutor, especialmente de velhos textos franceses escritos sobre o Brasil, como os de Jean de Léry, Claude d'Abbeville e Debret. Pertenceu Sérgio Milliet à Academia Paulista de Letras, na qual ocupou a cadeira que tem Varnhagen como patrono e na qual foi sucedido por Péricles Eugênio da Silva Ramos, ocupando-a atualmente o cientista Crodowaldo Pavan. (21-11-1998)